

ENTRE A COLABORAÇÃO E A SOLIDÃO: REFLEXOS SOBRE O TRABALHO EM GRUPO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Camilla de Souza Oliveira, Maria Eduarda de Assis, Camila Beltrão Medina.

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, camilla.souza1310@gmail.com, mariaeduarda.assis12@gmail.com, camila.medina@univap.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância do trabalho em grupo na formação docente, considerando os desafios e contribuições dessa prática durante a vivência acadêmica e experiências em programas como o PIBID. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa e quantitativa, envolvendo uma revisão bibliográfica e a aplicação de um formulário online com questões fechadas, destinado a licenciandos que tiveram experiências em contextos escolares ou no Programa de Iniciação à Docência. A análise buscou compreender como a colaboração influencia a segurança, a adaptação e o desenvolvimento de competências pedagógicas. Os resultados evidenciaram que o trabalho colaborativo é percebido como um recurso relevante para reduzir a insegurança na prática docente e potencializar a aprendizagem, embora desafios como a falta de engajamento e a divisão desigual de tarefas ainda se façam presentes. Conclui-se que estratégias que incentivem a cooperação e a mediação entre pares devem ser incorporadas à formação inicial, em consonância com perspectivas socioconstrutivistas, como a de Vygotsky, que valorizam a interação como elemento essencial no processo educativo.

Palavras-chave: Educação, Interação Social, Formação Docente.

Área do Conhecimento: INID (PIBID), Humanas.

Introdução

As imagens constituídas durante a história da educação em relação ao ofício docente, colocam esse profissional em uma ação laboral pautada no individualismo. Isso porque o professor foi concebido como o detentor do conhecimento acadêmico e didático, aquele que decide o que e como ensinar, aquele que planeja de modo isolado suas aulas e organiza seu cotidiano de trabalho. No entanto, essa fotografia reflete o oposto do que deve ser desenvolvido em um ambiente escolar. O trabalho pedagógico deve ser colaborativo, mas para isso ocorrer se faz necessário já, na formação inicial, desenvolver o exercício de troca de saberes e experiências. A colaboração como habilidade a ser desenvolvida durante a formação docente entra como uma contrapartida a percepção do discente de que a docência é um exercício solitário. Essa dificuldade, ainda que possa variar de um caso para o outro, permite refletir sobre a importância da colaboração no processo de aprendizagem. Boavida e Ponte indicam ser estratégia essencial para a formação docente que “a aprendizagem da colaboração e da negociação” façam parte de “uma dimensão incontornável do mundo de hoje”. Deste modo que “as oportunidades de aprendizagem mútua [...] tornam-na uma estratégia prometedora para delinear caminhos de investigação de práticas profissionais num mundo caracterizado pela incerteza, mudança e complexidade” (BOAVIDA; PONTE, 2002, p. 13).

Ao se observar o papel do professor dentro do âmbito educacional, imediatamente o relacionamos com sua principal função: educar. Ato que historicamente ligava o docente a uma figura central como transmissor de saberes, hoje entende-se como alguém que exerce a interação e o diálogo, ou seja, aquele que contribui com a troca de ideias e conhecimentos entre alunos, colegas, comunidade para

A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

que dê as condições ao processo de aprendizagem. Esse conceito tem relação ao que é abordado por FREIRE (1996) ao redigir uma visão na qual *"Não existe docência sem discência"*. A docência tornou-se, portanto, em sua essência uma prática social, em que não se ensina sozinho, como não se aprende sozinho. Nesse sentido, a formação inicial do docente não deve possuir uma limitação a práticas solitárias, devendo integrar intencionalmente, espaços e tempos para o trabalho em grupo.

Desde os primeiros momentos dessa formação, segundo DAMIANI (2008), o trabalho em grupo surge como uma estratégia pedagógica que tem como objetivo desenvolver, nos futuros professores, competências essenciais à colaboração, à observação, à escuta ativa e à construção coletiva do conhecimento. De tal forma que o prepare no caminho de sua formação, salientando a importância de uma formação complementar que integra o aprendizado teórico e considera questões como a trajetória escolar dos licenciandos que chegam à universidade, tal como realidades vividas e estruturas psicológicas distintas que podem influenciar diretamente em capacidade de adaptação, envolvimento e desenvolvimento em um novo processo formativo.

Nesse contexto, a partir do estudo realizado e das práticas colaborativas exercidas em experiência através dos estágios ofertados pelo Programa de Iniciação à Docência (PIBID), o presente artigo tem como objetivo abordar a atuação do docente e sua formação inicial trazendo uma reflexão quanto ao exercício do licenciando no trabalho individual e o trabalho em grupo e a necessidade de compreender os fatores que podem intervir nesse momento essencial para seu crescimento dentro da profissão. E ao ter esse embasamento, as questões a serem exploradas passarão pela estruturação do ensino na educação superior e pelas dimensões pessoais e subjetivas que dão espaço a um possível impacto no percurso formativo dos futuros professores.

Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se por uma abordagem mista, contemplando métodos qualitativos e quantitativos, com delineamento descritivo e exploratório. Para a fundamentação teórica, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em autores que abordam a formação docente, a colaboração e a relevância do trabalho em grupo no processo formativo, com especial destaque à perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (1978), que ressalta a interação social como elemento imprescindível para o desenvolvimento humano e a aprendizagem.

A seleção da literatura ocorreu mediante a utilização de descritores. Para tal, foram empregados descritores específicos, tais como: formação docente, trabalho em grupo, colaboração, interação social e aprendizagem, buscando garantir a abrangência e a relevância das fontes selecionadas. As buscas foram conduzidas nas bases de dados Google, Google Acadêmico e SciELO.

Na etapa quantitativa, foi feita a aplicação de um formulário eletrônico estruturado, elaborado na plataforma Google Forms, composto por perguntas fechadas. O instrumento foi direcionado a licenciandos que participaram ou participam de programas de iniciação à docência, como o PIBID, ou que tiveram experiências práticas em ambientes escolares por meio de observação, regência ou estágio supervisionado. O objetivo principal dessa etapa foi captar as percepções e vivências acerca do trabalho em grupo durante as experiências formativas dos participantes. Ressalta-se que o referido levantamento se caracteriza como pesquisa de opinião, em acordo com a RESOLUÇÃO Nº 510, DE 7 DE ABRIL DE 2016, Art. 1, Parágrafo único, segundo a qual "Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP: I - pesquisa de opinião pública com participantes não identificados.

As questões contemplaram dimensões como a frequência de atividades colaborativas, os desafios enfrentados, as contribuições para a aprendizagem, a sensação de segurança e a percepção da importância da colaboração para a prática docente. Os dados coletados foram submetidos à análise estatística descritiva, permitindo a identificação de tendências e a interpretação dos resultados em consonância com o referencial teórico adotado.

Resultados

A investigação contou com a participação de licenciandos do curso de Pedagogia, todos com alguma experiência em programas de iniciação à docência, como o PIBID. A maioria relatou ter entre 1 e 3 anos de vivência em escolas de Educação Infantil ou Ensino Fundamental. Quando questionados sobre a importância do trabalho em grupo na formação docente, todos os participantes responderam de forma positiva, reconhecendo-o como essencial e contribuinte significativo para a formação profissional. A maioria avaliou que essas práticas colaborativas “contribuem muito” para sua formação.

Apesar disso, a sensação de solidão também foi frequente: a maioria relatou já ter se sentido isolado(a) em algum momento durante a formação acadêmica. Essa percepção se manteve mesmo nas atividades realizadas em escolas, como estágios e projetos, em que parte dos respondentes mencionou sentir-se sozinho(a) ao realizar suas funções, ainda que com menor frequência.

Quanto à colaboração prática, grande parte afirmou ter trabalhado em equipe “frequentemente” ou “sempre” durante as atividades em campo. No entanto, todos os participantes disseram já ter se sentido sobrecarregados em razão da ausência de colaboração por parte do grupo. A sensação de insegurança diante de situações de regência e atuação pedagógica parece ser suavizada pelo trabalho em grupo: a maioria declarou que o trabalho colaborativo ajuda “muito” a reduzir essas inseguranças. Além disso, todos concordaram que programas como o PIBID, quando realizados de forma colaborativa, contribuem significativamente para sua preparação docente.

Por fim, quando comparadas experiências formativas individuais e em grupo, a maior parte avaliou que o trabalho coletivo foi mais satisfatório, classificando-o como “excelente” ou “regular”, enquanto a experiência individual foi, em geral, considerada apenas “regular”.

Discussão

O trabalho em grupo na formação docente configura-se como uma prática fundamental para o desenvolvimento integral do futuro professor, especialmente quando fundamentado na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (1978), que destaca a interação social como elemento central para o aprendizado e a construção do conhecimento. Conforme expõem Rocha et al. (2015), citando Vygotsky, a colaboração grupal favorece a criação de zonas de desenvolvimento proximal, possibilitando que os licenciandos ultrapassem seus limites atuais por meio do auxílio mútuo e da troca de saberes entre pares.

Os resultados do formulário evidenciam que, embora todos os licenciandos reconheçam a importância do trabalho colaborativo para sua formação, há uma percepção simultânea de solidão e sobrecarga em contextos grupais. Essa hesitação está diretamente relacionada às dificuldades encontradas na divisão desigual de tarefas, falta de comprometimento de alguns colegas e ausência de mediação qualificada, fatores que prejudicam o engajamento coletivo e impactam negativamente a experiência formativa (DAMIANI, 2008). Os relatos de insegurança diante das situações práticas, atenuados pela colaboração entre licenciandos, indicam que o grupo funciona como um espaço de apoio emocional e desenvolvimento profissional, confirmando que o trabalho coletivo, quando bem conduzido, tem potencial para reduzir ansiedades e promover a aprendizagem (REVISTA RAC, 2023).

Outro aspecto fundamental para a formação docente é a experiência prática no estágio, que se configura como um dos principais momentos para a aprendizagem sobre a prática pedagógica. Amorim, Pessoa e Alberto (2020) destacam que, por meio do estágio supervisionado e do acompanhamento docente, os futuros professores têm a oportunidade de apreender aspectos pedagógicos, técnico-científicos e éticos essenciais à sua atuação. Essa experiência evidencia a necessidade de uma construção contínua de saberes e fazeres, influenciada por diversos contextos sociais, culturais e institucionais, o que reforça a importância de espaços colaborativos e formativos durante a trajetória docente, sobretudo entre os próprios licenciandos.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) representa uma estratégia fundamental para promover essa colaboração entre licenciandos na formação inicial. Oliveira (2017)

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

destaca que o PIBID fomenta ambientes de cooperação e troca de experiências entre pares, favorecendo a construção coletiva de saberes pedagógicos e o desenvolvimento de uma identidade profissional crítica e solidária. Ao possibilitar a atuação conjunta em escolas, o programa estimula a participação ativa dos licenciandos no processo de ensino-aprendizagem, fortalecendo as relações colaborativas que são essenciais para a formação docente.

De forma complementar, Fonseca (2015a) ressalta que “não há docência sem discência”, enfatizando que o ensinar e o aprender são processos dialógicos, interdependentes e inseparáveis. Embora sua ênfase seja na relação professor-aluno, esse princípio se aplica igualmente às relações entre licenciandos durante a formação: o aprendizado efetivo se dá na troca ativa e recíproca, quando futuros professores atuam como sujeitos do conhecimento, aprendendo e ensinando uns com os outros. Essa perspectiva reforça a necessidade de ambientes formativos que promovam a participação colaborativa entre licenciandos, indo além da mera transmissão unilateral de conteúdos.

Ainda segundo Fonseca (2015a), a formação docente é um processo em constante transformação, em que o educador deve reconhecer o caráter inacabado do conhecimento e a necessidade contínua de revisão crítica das próprias práticas e ideias, alinhado com os princípios da pedagogia da autonomia de Paulo Freire. Por sua vez, Fonseca (2015b) destaca que a educação nunca é neutra, estando sempre impregnada de escolhas políticas e ideológicas, o que torna imprescindível que os espaços formativos, inclusive os coletivos entre licenciandos, sejam momentos de reflexão crítica sobre o papel social do professor e da escola.

Por fim, a sensação de solidão, mesmo em atividades colaborativas, reforça a importância de um ambiente que valorize a solidariedade e o suporte mútuo, para que o trabalho em grupo entre licenciandos se transforme em uma experiência verdadeiramente formativa e enriquecedora (MOVINOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO, 2025).

Assim, os dados indicam que o trabalho em grupo na formação docente só alcança seu pleno potencial quando há intencionalidade pedagógica, mediação qualificada e cuidado com as dimensões subjetivas dos participantes, transformando o espaço coletivo em ambiente seguro, colaborativo e produtivo para os futuros professores (BOAVIDA; PONTE, 2002; FREIRE, 1996).

Conclusão

Após uma investigação aprofundada neste estudo, chega-se a uma conclusão de que o trabalho em equipe é uma estratégia crucial na formação de professores, e que devido às suas vantagens educacionais e ao seu poder de impulsionar o crescimento pessoal e profissional dos futuros docentes, é um método de trabalho que se sobrepõe ao individual. A pesquisa realizada ao decorrer da elaboração deste artigo mostrou que, quando bem organizado, o trabalho em conjunto promove a criação compartilhada de conhecimento, aumenta a confiança dos futuros professores em sua prática pedagógica e ajuda a superar os obstáculos inerentes ao processo de formação.

No entanto, os dados também mostraram dificuldades nessa prática, como a sobrecarga de trabalho individual, a divisão injusta de tarefas e a persistente sensação de isolamento, mesmo em ambientes de colaboração. Esses pontos indicam que, para que o trabalho em equipe seja eficaz, é essencial uma mediação proposital e atenta às individualidades dos envolvidos, fomentando um ambiente de escuta, responsabilidade compartilhada e apoio mútuo.

Dessa forma, ao alinharmos nossas reflexões mediante ao assunto e as ideias de Vygotsky e Freire, entendemos que o desenvolvimento ao qual se dá o aprendizado é por essência, um processo social, e a formação de professores deve refletir essa característica.

Com isso, é fundamental que as políticas e práticas institucionais valorizem o trabalho em equipe desde o início da formação, oferecendo espaços organizados para colaboração, diálogo e criação conjunta de conhecimento. Somente assim será possível formar educadores críticos, engajados e capazes de agir de forma ética e colaborativa nos diversos ambientes educacionais de suas respectivas atuações.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Tâmara Ramalho de Sousa; PESSOA, Manuella Castelo Branco; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira. O estágio de docência e sua contribuição para a formação pedagógica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 25, e43069, 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202020000300011. Acesso em: 24 jul. 2025.

BOAVIDA, A. M.; PONTE, J. P. Investigação colaborativa: potencialidades e problemas. In: GTI (org.). *Refletir e investigar sobre a prática profissional*. Lisboa: APM, 2002. p. 43-55.

DAMIANI, M. F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. *Educação e Realidade*, v. 24, n. 31, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/jer/a/FjYPg5gFXSffFxr4BXvLvvyx/>. Acesso em: 05 jul. 2025.

FONSECA, André Azevedo da. Capítulo 1 - Não há Docência sem Discência - Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire. YouTube, 8 jun. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8KupomiwEA4>. Acesso em: 12 ago. 2025.

FONSECA, André Azevedo da. Toda Educação é Política - Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire (Parte 2). YouTube, 8 jun. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6vApsF-U8FU>. Acesso em: 12 ago. 2025.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MOVINOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO. Cartas de Pacheco: a profissão de professor não é um ato solitário, mas deverá ser solidário em comunidade. Disponível em: <https://movinovacaonaeducacao.org.br/biblioteca/cartas-de-pacheco-a-profissao-de-professor-nao-e-um-ato-solitario-mas-devera-ser-solidario-em-comunidade>. Acesso em: 24 jul. 2025.

OLIVEIRA, H. F. A bagagem do pibid para a formação inicial docente: reflexões teóricas e práticas. *Revista do Programa Institucional de Iniciação à Docência*, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/jtla/a/g9XpVZPhGWqtscJ3m5WfHhG/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2025.

REVISTA RAC. Colaboração em grupos de trabalho: uma análise no contexto da educação superior. *Revista de Administração Contemporânea*, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/QrTh7xCkb67prXH5CHL4x5p>. Acesso em: 24 jul. 2025.

ROCHA, Marcia Cristina da; QUEIROZ, Daniel da Rocha; LIMA, Natalia Nunes de; POMPILIO, Rafael Gomes de Souza; HENRIQUE, Rafael dos Santos. Atividade grupal à luz de Piaget e Vygotsky: contribuições para uma ação didática voltada a cursos de formação superior. *Revista Digital EFDeportes*, Buenos Aires, v. 15, n. 176, jul. 2015. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd176/atividade-grupal-a-luz-de-piaget-e-vygotsky.htm>. Acesso em: 24 jul. 2025.

*A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO***

VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em: https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/1-mackenzie/universidade/pro-reitoria/graduacao-assuntos-acad/forum/X_Forum/LIVRO.VYGOTSKY.FORMACAO.MENTE.pdf. Acesso em: 29 ago. 2025.